



UNIVERSITÀ  
DEGLI STUDI  
DI PADOVA

## Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Triennale Interclasse in  
Lingue, Letterature e Mediazione culturale (LTLLM)  
Classe LT-12

Tesina di Laurea

# *Cecità di José Saramago e il Covid-19: l'incubo della pandemia*

Relatore  
Prof.ssa Barbara Gori

Laureando  
Carlotta Leggieri  
n° matr. 1232044

Anno Accademico 2021/2022



# SOMMARIO

<b>INDICE FIGURE .....</b>	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPITOLO 1.....</b>	<b>7</b>
1.1 BIOGRAFIA DELL'AUTORE .....	7
1.2 ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA.....	12
1.2.1- <i>Riassunto</i> .....	14
1.2.2 – <i>Stile</i> .....	18
1.2.3– <i>Analisi</i> .....	19
<b>CAPITOLO 2.....</b>	<b>21</b>
2.1 – PERCHÉ LEGGERE DI PANDEMIE DURANTE UNA PANDEMIA? .....	21
2.2 – QUANDO L'OPERA INCONTRA LA REALTÀ' .....	23
2.2.1 – <i>L'assenza dei nomi e le mascherine</i> .....	24
2.2.2 – <i>Isolamento e Lockdown</i> .....	25
2.2.3 – <i>Indifferenza e Xenofobia</i> .....	28
2.2.4 – <i>Morte e Sepoltura</i> .....	30
2.2.5 – <i>Riconnessione</i> .....	33
2.2.6 – <i>Lo Spazio</i> .....	36
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>47</b>
<b>SITOGRAFIA .....</b>	<b>49</b>



## INDICE FIGURE

Figura 1, José Saramago .....	11
Figura 2, copertina romanzo Cecita di José Saramago, Edizione universale economica Feltrinelli 2013 .....	13
Figura 3, assalto ai supermercati .....	26
Figura 4, Amuchina venduta a prezzi stellari .....	26
Figura 5, proteste contro la xenofobia nei confronti delle persone asiatiche .....	29
Figura 6, Bergamo, cortei di mezzi militari che trasportano i deceduti della prima ondata .....	31
Figura 7, Fossa comune in Brasile.....	33
Figura 8, mascherine trasparenti per una comunicazione inclusiva .....	34
Figura 9, abbracci ai tempi del covid .....	35
Figura 10, cartelloni appesi ai balconi.....	36
Figura 11, Gli animali ripopolano le strade deserte.....	39
Figura 12, Le acque di Venezia tornano a essere cristalline .....	39



## INTRODUÇÃO

O objeto desta tese é a análise do romance *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, vencedor do Prémio Nobel da Literatura em 1998, relido numa chave pós-pandémica. Em particular, chama-se a atenção para as semelhanças que o texto apresenta com a pandemia da Covid-19.

A ideia para este estudo surgiu por acaso após a descoberta e releitura do romance durante o a segunda quarentena. Ajudada pela condição de isolamento em que me encontrei, decidi pegar no livro e relê-lo. No entanto, enquanto folheava as páginas e continuava a ler, senti uma sensação estranha, apesar de já conhecer o enredo e o final, senti uma emoção diferente da primeira vez. Se a primeira leitura centrou-se nas denúncias sociais de Saramago, tais como a emergência ambiental e a indiferença humana, estava agora a surgir um sentimento de angústia e dor. Nas páginas do Prémio Nobel encontrei a solidão, a tristeza e a inquietação em que eu estava, que nós estávamos a sentir em primeira mão por causa da situação de emergência. Percebi, portanto, que os "cegos" tinham mais para contar e decidi analisar a sua história usando a lente da pandemia da Covid-19.

As motivações que me levaram a explorar este tema são triplicadas. Um interesse por um autor e um romance que conseguiram analisar e antecipar o comportamento humano em relação a uma pandemia, e neste sentido um interesse pela literatura como um espelho da realidade e um instrumento para a compreender. Compreender o verdadeiro papel da literatura pandémica na sociedade de hoje. A curiosidade de compreender como um romance pode assumir significados diferentes e trazer à tona novos temas quando lido com olhos diferentes, neste caso com olhos que experimentaram a pandemia da Covid-19.

O objetivo desta dissertação é destacar os pontos de contacto entre a Cegueira e a pandemia da Covid-19 com a intenção de fornecer uma nova chave para a leitura do romance e compreender se a leitura sobre pandemias pode ser útil para lidar com uma.

Os argumentos propostos ganham vida com a leitura da obra em si e com a cuidadosa investigação linguística, literária, psicológica e sociológica. Sendo esta uma tese de licenciatura em línguas, literaturas e mediação cultural, os aspetos mais analisados são aqueles que podem ser derivados de uma análise literária da obra em conjunto com factos noticiosos e a minha experiência pessoal desta situação dramática. Os aspetos psicológicos e sociológicos, por outro lado, são tratados com menos profundidade, uma vez que não possuo os conhecimentos e capacidades para os investigar em profundidade, mas desempenham um papel fundamental na explicação das dinâmicas descritas.

A tese está dividida em dois capítulos divididos por sua vez em subcapítulos e conclusões finais. O primeiro capítulo fornece a biografia do autor, resumo, estilo e análise do romance. Em particular, a análise baseia-se na documentação anterior à Covid-19, pelo que os principais temas da história, tais como a indiferença e o mal são identificados. No segundo capítulo, é desenvolvido o tema principal da tese. Abre-se com uma breve introdução à literatura pandémica e depois continua com uma análise dos seis pontos de contacto identificados entre a obra e a realidade: 1. A ausência de nomes e de máscaras 2. Isolamento e bloqueio 3. Indiferença e Xenofobia 4. Morte e Enterro 5. Reconexão 6. Espaço.

Nas conclusões, tenta-se, através da análise que emerge do estudo, responder às questões que motivaram esta tese. Há também uma reflexão pessoal sobre a nossa capacidade de captar a mensagem que Saramago queria que passássemos através deste romance. Finalmente, haverá uma ilustração dos métodos que utilizei e propostas para futuros estudos, em particular sobre a necessidade de integrar várias disciplinas como a psicologia e a sociologia, a fim de captar a verdadeira essência do livro e da nossa sociedade.



# CAPITOLO 1

## 1.1 BIOGRAFIA DELL'AUTORE

Lo scrittore premio Nobel per letteratura José Saramago nasce il 16 novembre 1922 in un piccolo villaggio chiamato Azinhaga.<sup>1</sup> Come l'autore stesso racconta nella sua autobiografia, il suo nome sarebbe dovuto essere José de Sousa. Tuttavia, al momento della registrazione, l'impiegato dell'ufficio anagrafe decise di aggiungere nel certificato anche il soprannome con il quale il padre di José era conosciuto in paese, Saramago. Solo anni dopo, quando l'autore iniziò le scuole, scoprì che il suo nome ufficiale era José de Sousa de Saramago<sup>2</sup>.

Lo stesso soprannome Saramago porta con sé utili informazioni relative allo stato sociale della famiglia dello scrittore. Saramago, infatti, indica una pianta che cresce spontaneamente e le cui foglie, in epoca di carestia, sono alla base degli alimenti delle persone povere. E tali erano i suoi genitori, contadini senza possedimenti<sup>3</sup>.

A due anni dalla nascita di José, la famiglia decide di lasciare il lavoro nei campi per recarsi nella capitale, Lisbona. Qui, dopo pochi mesi morirà il fratello Francisco a soli quattro anni<sup>4</sup>.

Continuando la lettura dell'autobiografia scopriamo che fin dalle scuole elementari José si rivela un bambino portato per la scrittura, al secondo anno è in grado di scrivere senza errori ortografici. La carriera scolastica però deve interrompersi al secondo anno del liceo, i genitori non riescono a permettersi il costo dell'educazione del figlio quindi, al secondo anno, fu costretto a lasciare il liceo per intraprendere un nuovo percorso educativo in un istituto di formazione professionale dove apprende il mestiere

---

<sup>1</sup> Azinhaga do Ribatejo è un piccolo villaggio del comune di Golegã situato ad un centinaio di metri a Nord-Est da Lisbona.

<sup>2</sup> José Saramago, Autobiografia, sito web fondazione José Saramago <https://www.josesaramago.org/biografia/>.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

del fabbro meccanico<sup>5</sup>. Terminati gli studi lavora per due anni in un'officina automobilistica. È durante questo periodo che Saramago inizia a frequentare la biblioteca pubblica avvicinandosi così alla letteratura<sup>6</sup>:

Também por essas alturas tinha começado a frequentar, nos períodos nocturnos de funcionamento, uma biblioteca pública de Lisboa. E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou<sup>7</sup>

Nell'anno 1944 sposa la dattilografa Ilda Reis<sup>8</sup> e da questo matrimonio nasce, nel 1947, la sua unica figlia; Violante. Nello stesso anno viene pubblicato il primo romanzo di Saramago *A Viúva* che per problemi editoriali dovette prendere il titolo di *Terra do Pecado*. Seguirono poi altri tentativi di pubblicazione che ebbero però esiti negativi<sup>9</sup>. “Começava a tornar-se claro para mim que não tinha para dizer algo que valesse a pena”<sup>10</sup>

Alla fine degli anni Cinquanta inizia la sua carriera di responsabile alla produzione per la casa editrice Estúdios Cor, dove ha la possibilità di interfacciarsi con molti nomi importanti della letteratura portoghese a lui contemporanei. In aggiunta, per migliorare le condizioni economiche familiari, dal 1955 inizia a dedicarsi alla traduzione e alla critica letteraria. Attività che porterà avanti fino agli anni Ottanta. Tra i suoi lavori di traduzione compaiono nomi come Maupassant, Bonnard, Tolstoj, Baudelaire e Hegel.<sup>11</sup>

Solo nel 1966, Saramago fa rientro nel campo della letteratura con la pubblicazione della raccolta di poesie *Os Poemas Possíveis*. La critica ritiene poi fondamentali altre due opere, pubblicate rispettivamente nel 1971 e 1973, *Deste Mundo e do Outro*, *A Bagagem do Viajante* al fine di comprendere la produzione letteraria successiva.<sup>12</sup>

---

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> Saramago J., Fundação José Saramago, <https://www.josesaramago.org/biografia/>.

<sup>8</sup> Ilda Reis fu un'artista portoghese che durante la sua attività si dedicò esclusivamente all'incisione.

<sup>9</sup> José Saramago, Autobiografia, sito web fondazione José Saramago <https://www.josesaramago.org/biografia/>.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

La sua carriera giornalistica inizia nel 1971 lavorando per il pomeridiano Diário de Lisboa. È a questi anni che risale la pubblicazione di *As Opiniões que DL teve*, un'attenta critica e analisi politica degli ultimi anni della dittatura, la quale vide la sua fine nel 1975 con la Rivoluzione dei Garofani.<sup>13</sup> Al momento del golpe, Saramago ricopre la carica di vicedirettore nella redazione del giornale Diário de Notícias, posizione che però perderà nel Novembre dello stesso anno quando, il contro-golpe ad opera della fazione di destra, determinò la chiusura del giornale e il licenziamento dei suoi dipendenti tra i quali anche Saramago stesso. Convinto ateo, pessimista e comunista nel corso della sua vita soffrì di antipatie a causa delle sue convinzioni. Quest'ultime frequentemente presenti nei suoi lavori mascherate dalla narrativa stessa che gli serve come strumento per criticare e affrontare argomenti di carattere politico, sociale e religioso; necessario ricordare titoli come *A Jangada de Pedra* circa la critica all'Unione Europea e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, rivisitazione fittizia della vita di Gesù Cristo in cui sono evidenziate i caratteri umani dello stesso Salvatore.<sup>14</sup>

È quest'ultimo evento che determina la fine della carriera giornalistica di Saramago. D'ora in poi si dedicherà solo alla letteratura. Nel 1976 trascorre qualche settimana a Lavre dove hanno origine il celebre romanzo *Levantado do Chão* e l'opera teatrale *Que farei com este livro?*. Gli anni Ottanta sono principalmente dedicati alla stesura e pubblicazione di soli romanzi:

- *Memorial do Convento*, 1982
- *O Ano da morte de Ricardo Reis*, 1984
- *A Jangada de Pedra*, 1986
- *História do Cerco de Lisboa*, 1989

È durante questo periodo che conosce la giornalista spagnola Pilar del Río con la quale si sposa nel 1988. La coppia decide di trasferirsi a Lanzarote, nell'arcipelago delle Canarie,

---

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> EDUARDO CALBUCCI, *Saramago, un roteiro para os romances*, Atelie Editorial, 1ª edição (1 janeiro 2000).

nel 1993, a seguito della censura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* in quanto ritenuto offensivo per il mondo cattolico.<sup>15</sup>

Nel 1995 pubblica una delle sue opere più conosciute, *Ensaio sobre a Cegueira* (opera della quale questa tesi ha l'obiettivo di analizzare in chiave post-pandemica). Nello stesso anno vince il Premio Camões per la letteratura e soli tre anni dopo, nel 1998 è il primo scrittore portoghese a vincere il premio Nobel per la letteratura<sup>16</sup> perché «con parabole, sostenute dall'immaginazione, dalla compassione e dall'ironia ci permette continuamente di conoscere realtà difficili da interpretare».<sup>17</sup>

In seguito al conferimento del premio, l'attività pubblica di Saramago cresce esponenzialmente. Viaggia per tutto il mondo tenendo conferenze, partecipando a riunioni e congressi affrontando temi letterari e politici. Importante da ricordare anche la sua ampia partecipazione e sentito coinvolgimento nella lotta per la preservazione dei diritti umani, al fine di raggiungere una società giusta dove l'essere umano sia visto come priorità e non come mezzo per il Mercato e per ottenere il potere<sup>18</sup>: «Consequência de uma sociedade mais justa, onde a pessoa seja prioridade absoluta, e não o comércio ou as lutas por um poder hegemónico, sempre destrutivas»<sup>19</sup>.

Negli ultimi anni della sua vita lo scrittore si dedica costantemente alla stesura e pubblicazione di opere, tra le quali possiamo ricordare:

- *A Caverna*, 2000.
- *O Homen Duplicado*, 2002.
- *Ensaio sobre a Lucidez*, 2004.
- *Don Giovanni o Dissoluto Absolvido*, 2005.
- *As Intermittências da Morte*, 2005.

Nel 2007 viene creata a Lisbona la “Fondazione Saramago”, la quale si dedica alla preservazione e divulgazione della letteratura contemporanea, alla difesa e al rispetto

---

<sup>15</sup>José Saramago, Autobiografia, sito web fundazione José Saramago <https://www.josesaramago.org/biografia/>.

<sup>16</sup>*Ibidem*.

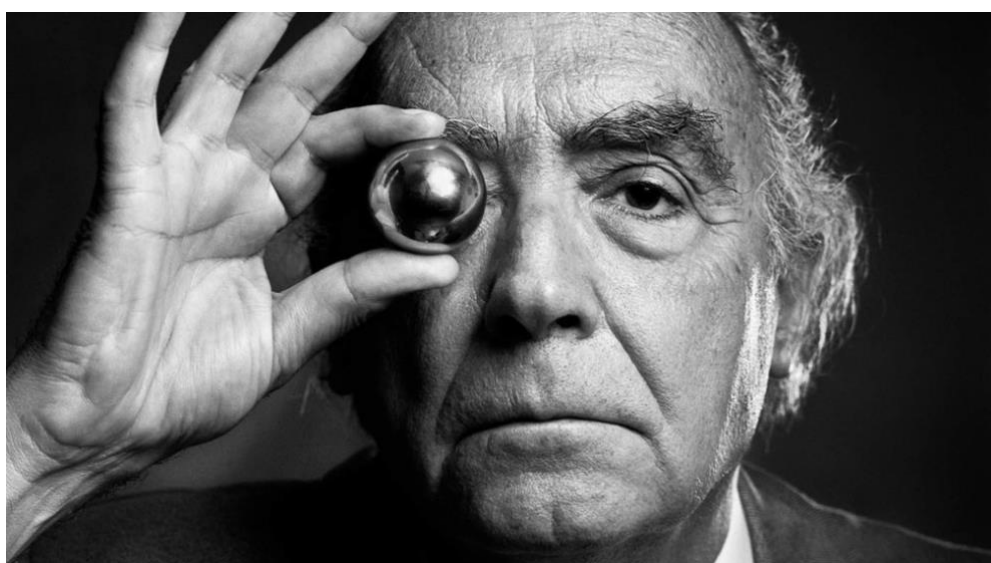
<sup>17</sup>MLA style: Press release. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach AB 2022. Sun. 22 May 2022.

<sup>18</sup>José Saramago, Autobiografia, sito web fundazione José Saramago <https://www.josesaramago.org/biografia/>.

<sup>19</sup>*Ibidem*.

della carta dei Diritti Umani e all'attenzione verso l'ambiente. L'ultimo libro "Caim" è pubblicato nel 2009.<sup>20</sup>

José de Sousa de Saramago muore il 18 giugno 2010 all'età di 87 anni. Ne dà notizia la fondazione a suo nome: la dipartita avviene a causa di un'insufficienza multiorgano, frutto di una prolungata malattia.<sup>21</sup>



*Figura 1, José Saramago*

---

<sup>20</sup> *Ibidem.*

<sup>21</sup> [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/06/100618\\_saramago\\_morre\\_ir](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/06/100618_saramago_morre_ir).

## 1.2 ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

“É uma tentativa de nos perguntarmos o quê e quem somos. E para quê? Provavelmente não existe uma resposta e, se existisse, seguramente não seria eu a pessoa capaz de oferecê-la. No fundo, o que o livro quis expressar é muito simples: se somos assim, que cada um se pergunte porquê”  
José Saramago

*Ensaio sobre a cegueira*, (in traduzione italiana *Cecità*), di José Saramago, pubblicato nel 1995, è un romanzo in cui si espone, analizza e dibatte la libertà personale e quella altrui, e le molteplici facce del male. Ogni pagina di questo romanzo ci racconta di una realtà che potrebbe essere, ci propone una rappresentazione della vita che segue il suo corso, piena di imprevisti, problemi, dolori, allegrie. È la vita nella sua logica naturale che tuttavia, è sempre minacciata dal male<sup>22</sup>.

Il tema della violenza che in questo romanzo è sicuramente il tema preponderante, viene analizzato sotto più aspetti, antropologico, sociale e istituzionale. L'artificio letterario usato da Saramago è la metafora della cecità bianca, una cecità diversa da quella fisica, la cecità che ci pervade quando non vogliamo vedere qualcosa che non ci piace. Una cecità innata della natura umana<sup>23</sup>.

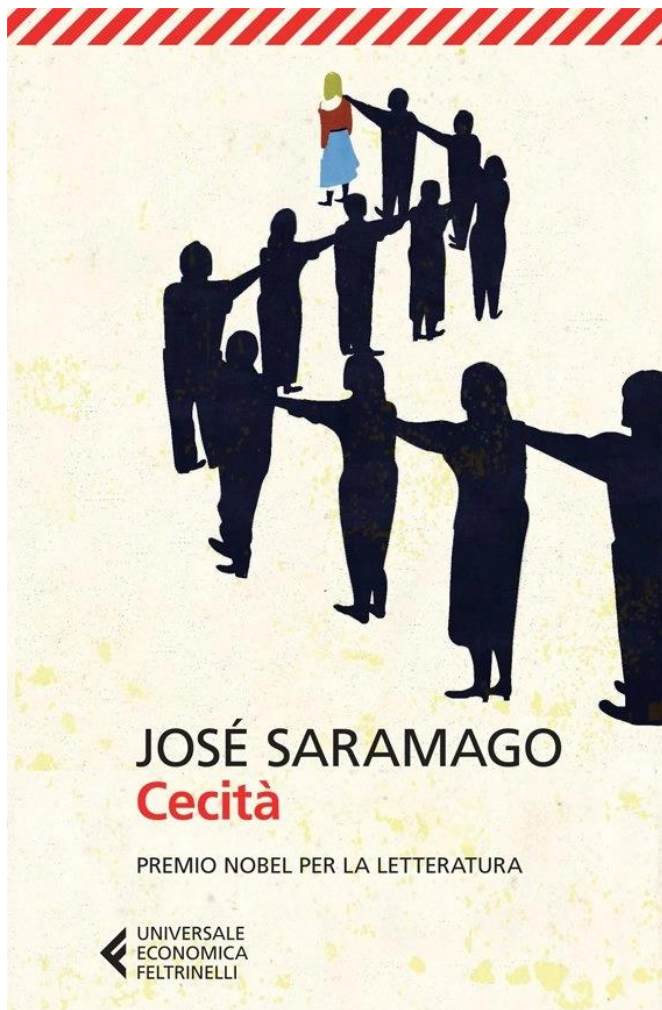
Ambientato in luogo e in un tempo indefiniti, questa storia potrebbe riguardare chiunque. Durante la reclusione, i ciechi potrebbero creare un mondo ex-novo basato su un'organizzazione nuova e più equa rispetto a quella del mondo esteriore. Tuttavia, questa situazione porta gli internati a regredire allo stato di natura hobbesiano dove vige la regola del più forte, in cui viene messa in atto una *Bellum omnium contra omnes*<sup>24</sup> per la sopravvivenza. L'unico risultato possibile è quindi una dittatura dei più forti sui più deboli.

---

<sup>22</sup> CARLOS NOGUEIRA, *Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago: A Literatura e o Mal 2020*, Romance Quarterly, DOI: 10.1080/08831157.2020.1772661, pp. 165-167.

<sup>23</sup> GILBERTO LOPES TEIXEIRA, *A violência é cega: Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago*, Aurora, 7: 2010 [www.pucsp.br/revistaaurora](http://www.pucsp.br/revistaaurora).

<sup>24</sup> THOMAS HOBBS, *Leviatano*, Italia: RIZZOLI LIBRI, capp. 13, 14, 24.



**Titolo:** Cecità

**Autore:** José Saramago

**Traduzione:** Rita Desti

**Editore:** Feltrinelli

**Collana:** Universale economica

**Anno edizione:** 2013

**Pagine:** 288

*Figura 2, copertina romanzo Cecità di José Saramago, Edizione universale economica Feltrinelli 2013*

### 1.2.1- Riassunto

Il romanzo *Cecità* si apre in un luogo e tempo imprecisati dove inaspettatamente un'incomprensibile pandemia di cecità bianca inizia a dilagarsi in città. «Sono cieco, sono cieco...»<sup>25</sup>, il primo personaggio che ci viene presentato è fermo al semaforo e allo scattare del verde rimane fermo, non va avanti. È diventato cieco. L'uomo, che fino a quel momento non aveva mai avuto alcun problema alla vista è ora sopraffatto da una luce bianca che non gli permette di vedere, come se si fosse tuffato in un mare di latte e non riuscisse più ad uscirne. «Le è entrato qualcosa negli occhi [...], Sì, mi è entrato un mare di latte»<sup>26</sup> La moglie incredula lo porta immediatamente dall'oculista, che tuttavia, non è in grado di trovare la causa di questa inspiegabile malattia. Fin quando la sera stessa capisce di essere stato contagiato<sup>27</sup>.

La cecità stava dilagando, non come una marea repentina che tutto inondasse e spingesse avanti, ma come un'infiltrazione insidiosa di mille e uno rigagnoli inquietanti che, dopo aver inzuppato lentamente la terra, all'improvviso la sommergono completamente<sup>28</sup>

La malattia inizia a espandersi in maniera esponenziale, tutti coloro che incrociano lo sguardo di un infetto vengono contagiati all'istante. Tutti tranne la moglie del medico che sembra inspiegabilmente l'unica ad essere immune. Di fronte al dilagarsi della pandemia il governo, non potendo più continuare ad ignorare il pericolo imminente, inizia a prendere disposizioni per avviare un sistema di quarantena per i malati. Trasportati, rinchiusi e raggruppati in camerate di un ex manicomio, lasciati allo stato brado senza nessuno che si prendesse cura di loro, i ciechi tornano allo stato primitivo. Il medico e sua moglie, fintasi cieca per non separarsi dal marito vengono internati e ritrovano il primo cieco e sua moglie, il ragazzino strabico, la ragazza dagli occhiali scuri, il vecchio con una benda nera, erano tutti stati contagiati nella sala d'aspetto del medico<sup>29</sup>.

In quel momento di udì una voce forte e secca, voce di qualcuno che, sembrava abituato a dare ordini. Veniva da un autoparlante [...], Al governo rincresce di essere stato costretto ad esercitare energicamente quello che considera suo diritto e suo dovere, proteggere con tutti i mezzi la popolazione nella crisi che stiamo

---

<sup>25</sup>JOSÉ SARAMAGO, *Cecità*, Italia: Feltrinelli Editore, Edizione universale economica, 2013, p. 12.

<sup>26</sup> Ivi, p. 14.

<sup>27</sup> Ivi, p. 11-31.

<sup>28</sup> Ivi, p. 109.

<sup>29</sup> Ivi, p. 32-45.



attraversando, [...], secondo, chi abbandonerà l'edificio verrà immediatamente passato per le armi [...], quarto, gli internati laveranno manualmente i propri indumenti [...], sesto, tre volte al giorno saranno depositate razioni di cibo alla porta d'ingresso [...], settimo, tutti gli avanzi dovranno essere bruciati, considerandosi avanzi, all'oupo, non solo ogni tipo di cibo avanzato, ma anche le casse, i piatti e le posate [...], gli internati sono responsabili di tali operazioni di incenerimento<sup>30</sup>

Con l'avanzare della pandemia e l'aumentare degli internati, le condizioni all'interno dell'ex manicomio degenerano sempre di più. I pasti sono limitati e razionati, l'assistenza è assente, ogni tentativo di movimento è represso in modo violento dai militari a presidio dell'edificio che hanno l'ordine di sparare a vista. I ciechi devono essere confinati e tenuti lontani dalla società. Per sopravvivere, iniziano ad organizzarsi. Tra tutti spicca la moglie del medico che sembra essere l'unica capace di orientarsi e muoversi all'interno dell'edificio:

Fra i ciechi c'era una donna che dava l'impressione di trovarsi contemporaneamente dappertutto, aiutando a caricare, comportandosi come se guidasse gli uomini, cosa evidentemente impossibile per una cieca...<sup>31</sup>

Ben presto però iniziano i conflitti e le brutalità tipiche dello stato animalesco. Nel manicomio entra un uovo gruppo di ciechi, i quali hanno una pistola e iniziano a dettare regole minacciando gli altri camerati. La comunità dei ciechi si spacca dividendosi in "ciechi buoni" e "ciechi malvagi".<sup>32</sup>

Con queste pagine che sono sicuramente le più crude, spietate e oscene, Saramago ci introduce nella sua distopia, dove gli internati sono la personificazione dell'*homo homini lupus* di Hobbes.<sup>33</sup> L'uomo, ridotto a solo corpo, si stacca dalla realtà sociale per trasformarsi in un essere ingannevole, egoista, malvagio, crudele e meschino. Disumano. Sono questi gli attributi che Saramago, grazie ad un'attenta analisi dell'animo umano, riesce a rievocare in poche pagine che sembrano tuttavia durare un'infinità. Pagine metafora di una società opprimente, senza nessun riguardo per i più deboli, dove gli oppressi diventano a loro volta oppressori. Saramago racconta di quella "zona grigia" di

---

<sup>30</sup> Ivi, pp. 45-46.

<sup>31</sup> Ivi, p. 80.

<sup>32</sup> Ivi, pp. 45-124.

<sup>33</sup> Thomas Hobbes, 1588-1679, filosofo britannico anticipatore del Giuspositivismo.

Primo Levi. Quella zona dove tutto è permesso e tutto è perso; principi, moralità e carità sono sottomessi dal più imponente degli istinti animali: la sopravvivenza.<sup>34</sup>

I “ciechi malvagi” iniziano ad impossessarsi con la violenza delle poche razioni di cibo che arrivano dall'esterno, costringendo gli altri a pagare per poter mangiare. Inizialmente le richieste sono di tipo materiale come averi, oro, soldi e gioielli, tutto ciò che i ciechi avevano potuto, nel poco tempo a disposizione, portare con loro prima di essere rinchiusi, nella speranza di poter un giorno tornare nella propria casa, ritornare alla propria vita. Ben presto però queste richieste degenerano in stupri di gruppo. Le donne per poter mangiare e far mangiare gli altri, i “ciechi buoni”, sono costrette a prostituirsi. È il trauma collettivo che farà riaffiorare un minimo legame sociale. Dopo essersi sottoposte agli abusi, le donne diventano il nucleo centrale del piccolo gruppo di ciechi che ruota intorno alla moglie del medico, la quale decide di rivelare di non aver mai perso la vista. Il gruppo unito ora dalla violenza riesce a superare i traumi trasformando la sofferenza in forza.<sup>35</sup>

Nel male dei cattivi però troviamo anche il male dei buoni. Dopo aver subito lo stupro e aver visto una delle donne morire in seguito alla violenza, la moglie del medico decide di vendicarsi uccidendo il capo dei malvagi durante un altro stupro. Uccide consapevolmente, ripromettendosi di rifarlo se necessario. È proprio un altro episodio di violenza dei buoni che metterà fine all'internamento. Nell'intento di voler rendere inoffensivi i ciechi malvagi, una donna decide di appiccare un incendio nella loro camerata, alimentandolo con il suo stesso corpo. Nell'incendio, che divampa per tutto il manicomio, molti ciechi perdono la vita ma una parte di loro, tra cui il gruppo guidato dalla moglie del medico, riescono a scappare.<sup>36</sup>

All'esterno del manicomio la moglie del medico vede gli effetti della pandemia. Per strada corpi morti, sporcizia ed escrementi, le città sono abbandonate, gruppi di ciechi occupano le case altrui e si contendono il poco cibo rimasto. Il gruppetto capitanato dalla moglie, si incammina per la strada. Nudi e scalzi cercano di recuperare un minimo di

---

<sup>34</sup> PRIMO LEVI, *Se questo è un uomo*, Italia: L'Unità / Einaudi. 1992.

<sup>35</sup> <https://ildizionarioedipsicologia.net/cecita-apocalisse-sociale-di-saramago/>.

<sup>36</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 125-183.

dignità, della quale erano stati privati durante la reclusione, procurandosi dei vestiti e trovando un luogo sicuro in cui poter riposare. Tra i membri del gruppo si sviluppa un sentimento di amicizia e collaborazione e a loro si aggiunge un cane randagio “il cane delle lacrime”, attirato dal pianto della moglie del medico. Mossi dalla fame e dalla nostalgia, decidono di andare a cercare le proprie case. A turno, il gruppo si reca prima a casa di uno poi a casa dell’altro finché decidono di stabilirsi a casa del medico e di sua moglie. Qui assistiamo ad un momento catartico, le donne, ormai legate da un legame indissolubile creatosi durante gli abusi, si lavano sotto la pioggia. Si spogliano, escono in balcone e si lavano. Si lavano dalle brutalità e dalla sofferenza.<sup>37</sup>

La pioggia, come scorre sui loro corpi, come scende fra i seni, come si trattiene e si perde nell’oscurità del pube, e infine si espande e circonda le cosce, forse le abbiamo giudicate male ingiustamente, forse siamo noi a essere incapaci di vedere ciò che di più bello e glorioso è mai accaduto nella storia della città, [...]. Dio solo ci vede, disse la moglie del primo cieco [...], Neppure lui, il cielo è coperto, soltanto io posso vedervi, [...] adesso è il momento che queste donne si lavino, si insaponano i capelli e le spalle a vicenda, e ridono come ridevano soltanto le bambine che un tempo giocavano a mosca cieca nel giardino, quando cieche ancora non lo erano. [...] il paradiso era là fuori, sul balcone<sup>38</sup>

Tanto inspiegabilmente quanto lo scoppio della pandemia, il giorno seguente ad uno ad uno tutti recuperano la vista. Il romanzo si conclude con una riflessione della moglie del medico “Secondo me non siamo diventati ciechi, secondo me lo siamo, Ciechi che vedono, Ciechi che, pur vedendo, non vedono”.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> *Ibidem.*

<sup>38</sup> Ivi, pp. 236-238.

<sup>39</sup> Ivi, p. 276.

### 1.2.2 – Stile

Lo stile di Saramago è caratterizzato dall'utilizzo di prospettive insolite e controverse per la narrazione di eventi per lo più improvvisi e inspiegabili, ne è esempio la pandemia di cecità che inizia e finisce senza una vera causa.

La sua tendenza è quella di utilizzare periodi molto lunghi e la punteggiatura in modo anticonvenzionale; non usa le virgolette per delimitare i dialoghi, le domande non sono segnate dal punto interrogativo così come le esclamazioni non finiscono con il punto esclamativo. La virgola è uno di quei pochi segni di punteggiatura frequentemente utilizzati, i periodi possono durare intere pagine e interrotti dal solo uso delle virgole.

Molto utilizzati sono i verbi d'appoggio come: disse, rispose, chiese ecc... che creano un'unità di forma e sostanza. Il senso di stanchezza avvertito dal lettore è lo stesso che pian piano avanza negli spiriti dei personaggi nel corso del romanzo. Così come il lettore si orienta nel buio della pagina senza la guida della punteggiatura, così i ciechi sono costretti ad orientarsi nel buio luminoso degli spazi che gli stanno attorno senza avere i punti di riferimento a cui erano abituati quando vedevano<sup>40</sup>.

Questo stile permette di generare una sorta di flusso di coscienza che aiuta l'autore ad indagare il fattore umano dietro l'evento descritto. Ad un'affermazione segue un dubbio, una riflessione, un pentimento, come se uscissero direttamente dalla testa dell'autore piuttosto che dai personaggi del romanzo. Il dubbio predomina, gli avvenimenti sono così imprevedibili che tutte le certezze cadono. Nonostante l'inquietudine che la sua scrittura genera, i libri che scrive piacciono perché lasciando spazio al dubbio, si lascia spazio anche alla possibilità di un mondo più giusto che potrebbe essere.

---

<sup>40</sup> VALERIA PARRELLA, Cecità di José Saramago, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>.

Ampio spazio è dato anche all'ironia e alla metafora, con le quali indaga e giudica i comportamenti dei suoi personaggi che in fin dei conti si comportano come esseri umani.<sup>41</sup>

### 1.2.3– Analisi

Come già detto nell'introduzione all'opera, l'artificio letterario maggiormente usato in questo romanzo è la metafora. L'autore utilizza la cecità come strumento di analisi del comportamento umano. La cecità descritta non è però la cecità convenzionale alla quale siamo abituati ma è una cecità bianca. Volendola utilizzare come strumento, Saramago ci mette davanti alla realtà fin dalle prime pagine. Il primo cieco viene accompagnato a casa da un passante, che si dimostrerà in realtà interessato solo ad approfittarsi della situazione per sottrarre la macchina all'altro. L'intento dello scrittore sussiste nell'indagare la natura umana, conducendo una ricerca sociale e antropologica alla scoperta dell'origine del male. L'autore ci spiega come in un primo momento il soccorritore non avesse intenzioni malevole, tuttavia, al presentarsi dell'occasione, ha ceduto alla tentazione del male. Con questa metafora, Saramago dipinge la natura dell'uomo contemporaneo: cieco davanti ai valori di civilizzazione, società e morale, cieco davanti alla possibilità di aiutare i più deboli.

Saramago non è però il primo ad analizzare questa condizione umana, infatti, l'immagine della carcerazione, dello squallore, dei soprusi, delle violenze e della lotta per la sopravvivenza rimandano ai campi di concentramento dei regimi totalitari del XX secolo. L'ironia delle scene descritte nel romanzo sta nel fatto che all'interno dell'edificio non ci siano guardie a prevaricare sugli internati, ma siano gli stessi ciechi a diventare carcerieri. L'episodio della richiesta di un pagamento da parte dei ciechi malvagi evidenzia un tipo di violenza gratuita fine a sé stessa. All'interno dell'ex manicomio nessuno può trarre vantaggio dalle convenzioni sociali tipiche del mondo esteriore e

---

<sup>41</sup> MINISSI, NULLO. "JOSÉ SARAGAMO, Romanzi e racconti 1977-1998 (Book Review)." Belfagor, vol. 55, no. 325, L. S. Olschki, 2000, p. 103.

tantomeno dal possedere oggetti di valore. Questo a dimostrare la presenza della violenza nella natura umana, possiamo provare a combatterla e a reprimerla ma dobbiamo essere consapevoli che sarà sempre dentro di noi.<sup>42</sup>

Un secondo riferimento presente nel testo è quello della fame e della disuguaglianza nel mondo. La banda dei malvagi, piuttosto che dare il cibo ai più deboli lo fa marcire rendendolo inutilizzabile da tutti. In questo senso, la fame non deriva dall'assenza di cibo bensì dall'egoismo di pochi.

Nonostante le riflessioni di carattere pessimistico, Saramago non si dimentica del bene, infatti, accanto al male troviamo episodi di umanità che. Nella sofferenza e nella necessità di sopravvivere, i ciechi si organizzano in una sorta di comunità improntata alla solidarietà, con l'intento di aiutarsi l'un l'altro. Il ragazzino strabico che viene internato da solo senza la sua mamma è l'esempio più lampante di generosità e carità umana. Sin dal primo momento, la ragazza dagli occhiali scuri si prende cura di lui e tutti si assicurano che gli venga riservata la parte di cibo migliore. Nel testo non mancano gli episodi positivi che vedono protagoniste per lo più delle donne, in primo luogo la moglie del medico che si fa carico di tutti i ciechi sostenendoli e descrivendogli l'indescrivibile preservandoli dalla completa perdita del senso. Troviamo poi la donna che causa l'incendio e lo alimenta con il suo stesso corpo per porre fine al terrore dei ciechi malvagi, permettendo agli internati di scappare.<sup>43</sup>

Un altro elemento preponderante nella narrazione è l'assenza dei nomi, assenza che sottolinea la perdita dell'identità dei personaggi, tutto ciò che essi sono stati prima dell'epidemia non esiste, nemmeno il nome conta più ora che tutti sono ciechi. Sono i ciechi stessi a privarsi del nome «Sono gli stessi ciechi a degradarsi, a rifiutare il loro nome, a considerarsi non più umani»<sup>44</sup>, un nome ha senso quando indica qualcosa, quando descrive qualcosa, ma per dei ciechi tutto è uguale al resto nulla è diverso, nessuno ha una faccia alla quale può essere associato un nome.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup>GILBERTO LOPES TEIXEIRA, *Op. cit.*, p. 5.

<sup>43</sup> <https://ildizionarioedipsicologia.net/cecita-apocalisse-sociale-di-saramago/>.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

## CAPITOLO 2

Fin da sempre la letteratura si è incaricata di far emergere ciò che collettivamente e individualmente si cerca di reprimere e rimuovere, i desideri più oscuri e le più tenaci e febbrili paure. È dunque dal confronto con la letteratura, in particolare con il romanzo *Cecità* di Josè Saramago, che questo capitolo cercherà di spiegare l'incubo ad occhi aperti vissuto durante le prime fasi della pandemia Covid-19, la quale, da ormai due anni, governa le nostre vite.

→

### 2.1 – PERCHÉ LEGGERE DI PANDEMIE DURANTE UNA PANDEMIA?

Dall'inizio del lockdown, con l'insorgere dei problemi lavorativi, economici e soprattutto psicologici, molte persone hanno ripreso in mano i libri come strumento di evasione e approfondimento della realtà. Se alcuni hanno preferito dedicarsi a generi nuovi, altri hanno deciso di rispolverare i classici o rileggere libri già esplorati. Osservando le classifiche stilate nei primi mesi di lockdown, e rese note da Ibs.it, incontriamo tra i titoli più richiesti un terzetto insolito: *Cecità* di José Saramago, *Spillover* di David Quammen e *La Peste* di Albert Camus.<sup>46</sup>

Se inizialmente queste scelte appaiono prevedibili e influenzate dalle numerose liste apparse su internet dei “Migliori 10 libri da leggere durante la pandemia”, nascondono in realtà un *topos*. Come approfondisce il dottor Luigi Lobaccaro nel suo intervento *Narrazioni in tempo di pandemia: le storie come “possesso perenne”*, la scelta di queste letture è dovuta al bisogno di contenere lo stato d'ansia e di incertezza provocato dalla situazione corrente<sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> LUIGI LOBACCARO, *Narrazioni in tempo di pandemia: le storie come “possesso perenne*, E|C Rivista dell'Associazione Italiana di Studi Semiotici, XV, n. 32, 2021 • Mimesis Edizioni, Milano-Udine Web: [mimesisjournals.com/ojs/index.php/ec](http://mimesisjournals.com/ojs/index.php/ec) ISSN: 1970-7452, ISBN: 9788857584911 © 2021 – MIM EDIZIONI SRL, p. 94.

<sup>47</sup> Ivi, p. 97.

Queste opere, accomunate dal narrare di una situazione pandemica, riescono ad offrire al lettore una rappresentazione *extra locata* (Bachtin 1924, pp.177-179) della realtà che egli sta vivendo in prima persona. In altre parole, il lettore rivive in spazi e tempi differenti, tuttavia verosimili, ciò che sta sperimentando in prima persona, innescando così un processo di identificazione con i protagonisti delle storie che vivono le sue stesse difficoltà. Leggere come i personaggi all'interno del libro affrontano e superano i problemi, aiuta a concettualizzare e prendere coscienza di ciò che sta succedendo, limitando così la paura dell'ignoto. Al contrario della realtà, i romanzi sono chiusi, hanno una fine. La conclusione diventa l'oggetto della ricerca del lettore. Non importa che il romanzo sia a lieto fine o tragico, prima o poi la vicenda termina eliminando quell'incertezza costante che si trova, al contrario, alla base della situazione creata dal Covi-19<sup>48</sup>.

La letteratura come catarsi non è però un fenomeno osservabile solo nella realtà odierna ma bensì un elemento presente fin da quando l'uomo ha imparato a leggere e scrivere. Gli stessi romanzi, per non parlare dei grandi classici, ad esempio, rimanendo in tema, il *Decameron* di Boccaccio, portano con sé esempi lampanti di come l'estraniarsi dalla realtà tramite il narrare o leggere di vicende altre aiutino a recuperare in un certo qual modo il senso della realtà. In particolare, nel romanzo *Cecità*, il gruppo dei ciechi, dopo essere scappati dal manicomio dove erano rinchiusi, si riuniscono nella casa del medico dove l'unica a possedere ancora la vista, la moglie del medico, legge per gli altri<sup>49</sup>.

Quando a notte fonda, la lettura terminò, il vecchio dalla benda nera disse, A questo siamo ridotti, a sentire leggere, [...] serviamo soltanto a questo, a sentir leggere la storia di un'umanità esistita prima di noi, approfittiamo della combinazione che ci siano ancora un paio d'occhi aperti, gli ultimi rimasti, se un giorno si dovessero spegnere, [...], allora il filo che ci unisce a quell'umanità si spezzerebbe, sarebbe come se ci stessimo allontanando gli uni dagli altri nello spazio, e ciechi loro tanto quanto noi<sup>50</sup>

Leggere diventa quindi il legame tra l'uomo e la storia che permette di recuperare quell'umanità persa durante il periodo di reclusione. Le storie di pandemia sono pertanto

---

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> Ivi, p. 99.

<sup>50</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 257.



uno strumento alla portata di tutti pronto ad aiutarci a ricostruire un presente e limitare l'ansia del futuro<sup>51</sup>.

## 2.2 – QUANDO L'OPERA INCONTRA LA REALTÀ'

Come già anticipato, questo capitolo vuole analizzare i punti di contatto tra il romanzo *Cecità* di José Saramago e la situazione pandemica vissuta negli ultimi due anni. Si osserveranno quindi le situazioni, le dinamiche e i temi che da marzo 2020 accompagnano la nostra quotidianità individuandone somiglianze e differenze al fine di comprendere quali meccanismi sociali e letterari si trovino alla base di una situazione d'emergenza, che sia quest'ultima reale o fittizia.

Prima di procedere con l'analisi, è necessario definire la diversa natura dei due elementi presi in considerazione: il romanzo tratta di un'epidemia che porta alla degradazione dell'essere umano e che si fa metafora delle atrocità avvenute durante il ventesimo secolo. Il Portogallo usciva da poco dal regime autoritario di Salazar, perciò, la penna di Saramago non avrebbe potuto cogliere a pieno ciò che sarebbe successo durante un'emergenza sanitaria mondiale in uno stato democratico<sup>52</sup>.

La pandemia Covid-19 si inserisce nelle dinamiche di repressione del ventesimo secolo. Una repressione caratterizzata da decreti-legge e norme ma che tuttavia si basa sulla responsabilizzazione dei cittadini e sull'autocontrollo<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> LUIGI LOBACCARO, *Op. Cit.*, p. 100.

<sup>52</sup> NICOLA LAGIOIA, *Cecità* di José Saramago, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>.

<sup>53</sup> *Ibidem*.

### 2.2.1 – L’assenza dei nomi e le mascherine

Il tratto forse più distintivo del romanzo è l’assenza dei nomi dei personaggi. Questi ultimi sono infatti identificati solo grazie a delle peculiarità fisiche, al loro mestiere o al loro ruolo sociale. “Non ha detto come si chiama, saprà anche lui che qui non ha importanza [...], Sono un autista di tassi, [...], sono commesso di farmacia”<sup>54</sup>. I nomi non importano più, l’epidemia di cecità ha reso l’uomo un essere impersonale privato delle sue generalità; se nessuno può vedere allora la necessità di dare un nome ad un volto non esiste.

Leggere *Cecità* prima dello scoppio del covid avrebbe indotto il lettore a ritenere questa scelta se non azzardata quantomeno bizzarra, tuttavia, con l’avvento della pandemia Covid-19 la percezione del lettore è mutata. La realtà è drasticamente cambiata trasformandosi nella realizzazione di ciò che il libro già anticipava. Non conta più chi si è stati prima, ma solamente chi si è ora: il paziente zero, gli infettivologi, i virologi, i runner ecc...<sup>55</sup>

Oltretutto il virus SARS-CoV-2 ci ha costretti all’utilizzo della mascherina chirurgica che, nonostante il corretto utilizzo sia uno strumento efficace per prevenire la diffusione del virus e limitare quindi l’espandersi della malattia<sup>56</sup>, l’utilizzo della mascherina all’interno dei contesti sociali ha portato con sé non pochi effetti collaterali sulla capacità relazionale e comunicativa delle persone. Tramite il volto esprimiamo molto più di ciò che riusciamo ad esprimere attraverso le parole. Grazie ai movimenti dei muscoli facciali comunichiamo emozioni e stati d’animo e al contempo decodifichiamo i messaggi paraverbali degli altri<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 59.

<sup>55</sup> <https://ildizionariodipsicologia.net/cecita-apocalisse-sociale-di-saramago/>.

<sup>56</sup> *Istituto Superiore di Sanità*.

<sup>57</sup> MICHELE CAGOL, MARCO VIOLA, *La relazione mascherata. Le mascherine chirurgiche e la comunicazione sociale in prospettiva educativa*, JOUR, 2020/11/30, 10.7346/-fei-XVIII-03-20\_02 p. 24-26.

È possibile quindi dire che la cecità, come la mascherina ci impedisce di cogliere il paralinguaggio che è parte integrante della nostra quotidianità e che ci permette di vivere a pieno la nostra socialità.

### 2.2.2 – Isolamento e Lockdown

Saramago confina i ciechi all'interno di un ex manicomio presidiato da militari con l'ordine di sparare a vista. L'isolamento dei personaggi è un vero e proprio allontanamento fisico dalla società perché considerati pericolosi untori. All'aumentare degli internati, l'ex manicomio diventa teatro di violenza, omicidi, stupri e lotte per i beni di prima necessità come farmaci e cibo. L'anarchia predomina rendendo nulli gli sforzi fatti per creare una comunità sociale e funzionante.

Il lockdown imposto durante la prima fase dello stato di emergenza non è per nulla paragonabile alla situazione di degrado vissuta dai ciechi nel romanzo. D'altronde Saramago non avrebbe mai potuto immaginare una pandemia che avrebbe costretto la popolazione a combatterla stando comodamente seduti sui propri divani guardando Netflix<sup>58</sup>.

Ciononostante, il periodo di isolamento, seppur in termini diversi ha riconfermato quello che lo scrittore già aveva ipotizzato nella sua opera. Se nel romanzo i ciechi dovevano lottare tra di loro per avere cibo e acqua, nella realtà si è assistito alle razzie di pasta, pane, farina e cibi a lunga conservazione negli scaffali dei supermercati<sup>59</sup>. A questi episodi di svuotamento delle corsie si è aggiunta anche la corsa all'acquisto dei DPI (Dispositivi di protezione individuale) come mascherine, Amuchina, guanti, disinfettanti, venduti a prezzi esorbitanti. Come i ciechi malvagi lucravano sui ciechi buoni, nel

---

<sup>58</sup> NICOLA LAGIOIA, Cecità di José Saramago, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>

<sup>59</sup> JAIDAA HAMADA, "Unsettling Epiphanies: Rereading José Saramago's *Blindness* in the Time of Covid-19". *Cairo Studies in English*, 2021, 2, 2021, 101-123. doi: 10.21608/cse.2022.46070.1068 p. 106.

ventunesimo secolo, i possessori dei DPI, durante la prima ondata pandemica commercializzavano la paura a discapito degli altri cittadini<sup>60</sup>.



Figura 3, assalto ai supermercati



Figura 4, Amuchina venduta a prezzi stellari

Se inizialmente i ciechi nutrivano qualche speranza di essere accuditi o quanto meno di essere protetti dallo Stato tramite la consegna di cibo e farmaci, la situazione cambia quando, coloro il cui scopo è proteggere i cittadini, l'esercito, si dimostra ostile e pronto a sparare a chiunque avesse messo un piede fuori dall'edificio.

I due soldati della scorta, che aspettavano sul pianerottolo, reagirono in maniera esemplare davanti al pericolo. [...] avanzarono fino alla soglia della porta e vuotarono i caricatori. I ciechi cominciarono a cadere uno sull'altro, mentre crollavano al suolo venivano colpiti da altre pallottole che ormai erano uno spreco di munizioni<sup>61</sup>

<sup>60</sup> [https://www.repubblica.it/cronaca/2020/02/23/news/coronavirus\\_amuchina\\_mascherine-249358877/](https://www.repubblica.it/cronaca/2020/02/23/news/coronavirus_amuchina_mascherine-249358877/).

<sup>61</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 78.

Fortunatamente i “quarantenati” del 2020 non rischiavano di essere freddati appena messo il naso fuori casa, tuttavia, si è assistito alla nascita delle autocertificazioni necessarie per movimenti di prima necessità come andare in farmacia o al supermercato, all’introduzioni di multe per chiunque infrangesse le norme di comportamento imposte dallo Stato e la divisione della penisola in zone colorate che limitavano più o meno la libertà di movimento delle persone. Conclusasi poi nell’introduzione del Green pass<sup>62</sup>.

Azioni che però non hanno fermati i “furbetti”, i quali, muniti di autocertificazioni false andavano in giro in nome del diritto alla libertà personale non curanti delle norme di sicurezza e gli sciacalli che, fingendosi operatori sanitari, venditori di farmaci miracolosi o proponendo un servizio di igienizzazione dei soldi, sono riusciti a truffare i più deboli, in particolar modo gli anziani soli<sup>63</sup>.

A chiusura di questa parte dedicata all’isolamento si ricorda l’intervento della psicoterapeuta e psichiatra Erica Poli nel corso del webinar in streaming “Capolavori della letteratura” su *Cecità* di Saramago. La psichiatra osserva come il “rientro” non sia avvenuto solo all’interno delle nostre case ma anche all’interno di sé stessi. In una società incentrata nell’essere visibili (ne è esempio l’ampio utilizzo di social media come Instagram, Facebook, e TikTok), lo scoppio della pandemia ha liberato tutto ciò che veniva nascosto fino a quel momento: la paura, le vulnerabilità, le angosce e le imperfezioni. Questo riscoprire le parti tenebrose del nostro essere ha però avuto un impatto positivo perché ci ha aiutati a prendere più coscienza di chi siamo realmente come esseri umani<sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup> <https://www.ilsole24ore.com/art/tutti-casa-multe-chi-guida-e-chi-va-piedi-ADoraeC>.

<sup>63</sup> <https://www.poliziadistato.it/articolo/165eecec054ef5d910253289>.

<sup>64</sup> ERICA POLI, *Cecità di José Saramago*, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>

### 2.2.3 – Indifferenza e Xenofobia

Uno dei temi principali del romanzo è l'indifferenza dell'uomo verso il prossimo e che si espande a tutto ciò che l'uomo non vuole vedere.

In *Cecità*, la malattia è inizialmente sottovalutata dal Governo «Sono certo che data la prontezza con cui ha agito potremo circoscrivere e controllare la situazione, intanto la preghiamo di rimanere in casa»<sup>65</sup>. Tuttavia, nel giro di poco la pandemia prende il sopravvento diffondendosi ovunque a macchia d'olio. Impossibile non riconoscere la stessa noncuranza espressa dai governi di tutti il mondo quando a Wuhan si iniziò a parlare del primo caso di una polmonite insolita che non aveva alcuna spiegazione medica conosciuta. La malattia era lontana e finché così fosse rimasta il problema non sussisteva. E' solo quando la situazione inizia a sfuggire di mano che si decide di prendere precauzioni; tanto nel romanzo quanto nella realtà. Quante morti sono necessarie affinché l'uomo prenda coscienza di vivere in una comunità interconnessa composta da persone e non dai singoli individui?<sup>66</sup>

«E' di questa pasta che siamo fatti, metà di indifferenza e metà di cattiveria»<sup>67</sup>, l'indifferenza di cui parla Saramago, anticipando l'indifferenza che si sarebbe scoperta anni dopo, non è solo il disinteresse del più forte sul più debole ma anche quella dei pari. Così come i ciechi malvagi non si curano del fatto che il troppo cibo sarebbe andato a male se tenuto solo per loro, allo stesso modo, durante i periodi di libertà che hanno alternato una quarantena e l'altra, si è assistito a molti casi di persone che nonostante dovessero essere in isolamento fiduciario perché positive o sospette positive, si divertivano a frequentare centri commerciali, negozi ecc. non curandosi del pericolo a cui espongono le altre persone<sup>68</sup>.

Questa indifferenza è però presto diventata xenofobia. Se inizialmente i ciechi e i primi contagiati venivano semplicemente ignorati ed evitati, in seguito sono diventati vittime di soprusi, vessazioni, abusi e violenze. Per quanto riguarda i ciechi, si è già

---

<sup>65</sup> JOSÉ SARAGAMO, *Op. Cit.*, p. 39.

<sup>66</sup> JAIDAA HAMADA. *Op. Cit.*, p. 110.

<sup>67</sup> JOSÉ SARAGAMO, *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>68</sup> JAIDAA HAMADA, *Op. Cit.*, p. 111.

ampiamente descritto ciò a cui sono andati incontro nel corso del romanzo come la lotta per il cibo, gli stupri, i morti uccisi dai militari ecc... Nel caso contemporaneo, «la paura del contagio è servita solo a mascherare il razzismo»<sup>69</sup>, sempre di più si è assistito a scene di violenze e discriminazioni nei confronti delle persone asiatiche. A Roma, nei pressi della fontana di Trevi compare il seguente cartello «A tutte le persone provenienti dalla Cina non è permesso di entrare in questo posto», rimosso in seguito dalle forze dell'ordine. Un odio razziale che in una società governata dai social viene istigato e alimentato dalle centinaia di fake news che troppo facilmente e troppo frequentemente appaiono sul web <sup>70</sup>.



Figura 5, proteste contro la xenofobia nei confronti delle persone asiatiche

Saramago ci insegna che le persone non diventano cattive se costrette a determinate situazioni ma che piuttosto, il seme della cattiveria è già presente in ciascun essere umano e che le pandemie non ci rendono peggiori ma semplicemente fanno emergere quello che già siamo. La speranza è quindi riposta nella capacità di apprendere e finalmente aprire gli occhi davanti alle ingiustizie del mondo.

---

<sup>69</sup><https://www.lastampa.it/cronaca/2020/02/02/news/coronavirus-da-casapound-ai-campi-di-calcio-il-razzismo-e-di-casa-in-italia-1.38415778/>.

<sup>70</sup> *Ibidem*.

## 2.2.4 – Morte e Sepoltura

Morte e sepoltura sono due temi che da sempre accompagnano la storia dell'essere umano, a partire dalla Grecia antica fino ad oggi. Saramago stesso si interroga sul tema della morte nel suo romanzo *As intermitências da Morte*, nel quale si fa carico di immaginare un mondo dove all'improvviso la Morte decide di andare in vacanza lasciando la popolazione tra inaspettati disequilibri e disorientamenti di carattere distopico.

Anche in *Cecità* il tema della morte è onnipresente. Non sempre vestita degli stessi abiti, si fa portatrice di pietà umana e di atrocità. Nel primo caso assistiamo all'atto di pietà della moglie del medico nei confronti della cieca delle insonnie. Dopo essere stata violentata da una mezza dozzina di ciechi, muore tra le braccia delle altre cieche che come lei avevano subito per tutta la notte gli stessi abusi.

La cieca delle insonnie dovette portarla via in braccio le compagne, che a stento riuscivano anch'esse a trascinarsi. [...] alla cieca delle insonnie cedettero le gambe [...] e le cedette pure il cuore [...]. È morta, disse la moglie del medico, [...]. Dove la portiamo, domandò la ragazza dagli occhiali scuri, Adesso in camerata, poi la sotterreremo, disse la moglie del medico. [...]. Voleva un secchio o qualcosa che ne facesse le veci, voleva riempirlo d'acqua, anche se fetida, anche se putrida, voleva lavare la cieca delle insonnie, ripulirla del sangue proprio e delle secrezioni altrui, consegnarla purificata alla terra<sup>71</sup>

Nonostante la morte accompagni tutto lo scenario distopico del romanzo, quella che più crea sgomento è il delitto commesso dalla moglie del medico. Coi che dovrebbe rappresentare il faro dell'umanità, si macchia in realtà del peggiore dei crimini, l'omicidio. Mossa da un sentimento di vendetta, decide di uccidere il capo dei ciechi malvagi.

La moglie del medico entrò nella camerata, scivolò lentamente fra i letti, [...]. La mano sollevò lentamente le forbici, [...] e calò violentemente il braccio. Le forbici si conficcarono con tutta la forza nella gola del cieco<sup>72</sup>

La morte in questo romanzo si vela non solo di pietà umana e di vendetta ma in particolar modo la si incontra nella rappresentazione dell'orrore dell'annientamento dell'umanità, ne sono esempio i ciechi uccisi brutalmente dalla milizia, da altri ciechi e dalla fame. Sono a centinaia i ciechi morti per strada, in mezzo al lerciume e mangiati dai cani, nelle

---

<sup>71</sup>JOSÉ SARAGAMO, *Op. Cit.*, pp. 157-159.

<sup>72</sup>Ivi, p. 163.



strade della ormai distopica cittadina si assiste ad un climax di violenze che trova il suo culmine nelle pagine finali in cui si assiste all'episodio dei *fuochi fatui*, dove il sotterraneo di un supermercato si trasforma in un sepolcro per i ciechi in cerca di cibo:

Quando la moglie del medico aprì la porta, l'odore si fece più intenso, C'è davvero puzza, disse il marito [...] Confusa dalla nausea, non aveva notato che in fondo c'era un chiarore diffuso, molto tenue. Adesso sapeva cos'era. Negli interstizi delle due porte, della scala e del montacarichi, palpitavano delle fiammelle. [...] Sono morti, Hai visto qualche cosa, hai aperto la porta, domandò il marito, No ho visto solo dei fuochi fatui alle fessure, stavano lì avvinghiati e ballavano, senza staccarsi, Idrogeno fosforato derivante dalla decomposizione, [...] Devono aver trovato per caso il sotterraneo, si saranno precipitati giù dalle scale [...] se ne è caduto uno sono caduti tutti<sup>73</sup>

Come nell'opera, la morte si fa padrona anche della pandemia Covid-19, una morte che non lascia spazio ai pianti e agli ultimi saluti. Una morte solitaria alla quale si è dovuto assistere inermi a casa, guardando in televisione le immagini delle centinaia e centinaia di tombe sfilate in cortei lungo le strade delle città maggiormente colpite, trasportate sui mezzi dell'esercito verso i centri crematori. Gli ospedali sono diventati trincee sovraffollate di pazienti e di oggetti personali che rimangono ammucchiati in sgabuzzini in attesa di essere riconsegnati alle famiglie<sup>74</sup>. Una tragedia nella tragedia, un incubo ad occhi aperti. Il Covid ha riportato la morte davanti agli occhi di tutti nel modo peggiore possibile.



Figura 6, Bergamo, cortei di mezzi militari che trasportano i deceduti della prima ondata

<sup>73</sup> Ivi, pp. 264-265.

<sup>74</sup> JESSICA CASTIGLUOLO. 'Senza Sepoltura E Senza lacrime': Dalla Negazione Della Morte all'"annegazione" Della Vita. *DNA – Di Nulla Academia* 1 (2). Bologna:109-20, 2020 <https://doi.org/10.6092/issn.2724-5179/12318> pp. 111-112.

Così come i cittadini di Saramago, i medici, gli infermieri e i pazienti hanno lottato contro un nemico invisibile, e la cecità in questo caso non potrebbe essere più coerente. È l'impossibilità di vedere che rende la morte ancora più inaccettabile. I morti sono morti in solitudine e la vita è stata vissuta nella lontananza. Questo periodo di isolamento ha portato alla luce due tipi di sofferenze: la sofferenza fisica di coloro che hanno contratto la malattia e la sofferenza psichica di coloro che non hanno incontrato direttamente il Covid-19 ma che ne hanno fatto esperienza indiretta tramite familiari e/o le immagini e i bollettini che per quasi due mesi hanno accompagnato e scandito i giorni del primo lockdown<sup>75</sup>.

Vedi il pronto soccorso? I pazienti Covid-19 entrano soli, nessun parente li può assistere e quando stanno per andarsene lo intuiscono. Sono lucidi, non vanno in narcolessia. È come se stessero annegando, ma con tutto il tempo di capirlo<sup>76</sup>.

Questa è una delle tante testimonianze dei medici in “prima linea” che durante la prima fase dell'emergenza hanno raccontato il loro campo di battaglia, impegnati in una lotta contro un nemico che, come osserva la professoressa Daniela Lucangeli, rende il respiro del malato il maggior pericolo del medico. La mia vita mette in pericolo la tua.

Il lessico di guerra è entrato a far parte della quotidianità impattando la descrizione delle sepolture di massa di centinaia di persone che, morte durante la fase più calda dell'emergenza, non hanno potuto ricevere né l'affetto dei familiari, né l'ultimo saluto, né una sepoltura degna. Da sempre la sepoltura è metafora dell'incontro dell'umanità, «Cosa conta il furto di un'automobile davanti al morto che l'ha rubata»<sup>77</sup>, l'ordine da rispettare tra i morti e i vivi. L'impossibilità di seppellire ha reso l'elaborazione della perdita molto più difficile rendendo il lutto un fardello trasportato globalmente da tutti<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> DANIELA LUCANGELI, Cecità di José Saramago, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>.

<sup>76</sup> <https://www.ilgiornale.it/news/politica/tsunami-e-muoiono-lucidi-1838892.html>.

<sup>77</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 76.

<sup>78</sup> VALERIA PARRELLA, Cecità di José Saramago, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>.



Figura 7, Fossa comune in Brasile

### 2.2.5 – Riconessione

Rinchiusi all'interno dell'ex-manicomio, ridotti allo stato primitivo, i ciechi sembrano destinati ad approdare nel degrado più totale quando le donne devono sottoporsi alle violenze sessuali per ottenere del cibo. Tuttavia, il trauma collettivo dello stupro innesca un processo di riconquista del senso che porta il gruppo di ciechi a ricreare un legame sociale. Unito dal dolore e dalla violenza, il gruppo riesce a risollevarsi e superare il trauma trasformando il ricordo in una forza aggregante<sup>79</sup>. Attraversando il male, si attivano dei processi naturali che portano alla cooperazione e alla simbiosi che portano alla riconnessione con sé stessi e con gli altri. I personaggi nel corso del romanzo non crescono solo in relazione al gruppo ma anche interiormente; prendono via via sempre più consapevolezza di loro stessi, del loro vero essere, riscoprendo ciò che erano abituati a non vedere più<sup>80</sup>.

Il medico disse solo, Se mai avrò di nuovo gli occhi, vedrò veramente gli occhi degli altri, come se ne stessi vedendo l'anima, L'anima, domandò il vecchio dalla benda nera, o lo spirito, il nome poco importa, fu allora che, sorprendentemente se teniamo conto che si tratta di una persona che non ha fatto studi superiori, la ragazza dagli occhiali scuri disse, Dentro di noi c'è una cosa che non ha nome, e quella cosa è ciò che siamo<sup>81</sup>

<sup>79</sup> <https://ildizionarioipsicologia.net/cecita-apocalisse-sociale-di-saramago/>.

<sup>80</sup> ERICA POLI, Cecità di Josè Saramago, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>.

<sup>81</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.* p. 233.

Analogamente, il confinamento durante le fasi più intense della pandemia è diventato esperienza collettiva e assunzione di responsabilità condivisa. Per la prima volta la distanza ha unito e non solo diviso. Si è presa consapevolezza di vivere in un mondo globale dove il virus può espandersi in un soffio ma con lui anche le conoscenze mediche e i respiratori. Si è iniziato ad assistere ad una corsa alla solidarietà dove ognuno contribuiva come poteva, dal trasferimento dei malati in regioni con maggiore disponibilità di terapie intensive, alla riconversione di parte della produzione industriale per la fabbricazione dei respiratori, alle campagne di beneficenza, alla distribuzione di generi alimentari alle persone più fragili<sup>82</sup>. In tanti si sono impegnati a trovare soluzioni a problemi quotidiani come le mascherine trasparenti per l'inclusione delle persone sorde, iniziative culturali come tour virtuali e webinar per non fermare la cultura e la creazione di molte piattaforme online per l'educazione.



*Figura 8, mascherine trasparenti per una comunicazione inclusiva*

In un mondo caratterizzato dalla velocità e dalla fretta, l'isolamento ha portato con sé molto tempo libero. Avere molto tempo libero permette di dedicarsi a tutte quelle attività che si continuano a rimandare per mancanza di tempo. Si sono visti quei film e si sono letti quei libri, si è imparato a cucinare, a suonare uno strumento e a dipingere. Si è riscoperto il valore del tempo, il valore degli abbracci e delle carezze, il valore di stare con i propri cari.

---

<sup>82</sup> <http://hdl.handle.net/2318/1766406>.



*Figura 9, abbracci ai tempi del covid*

Sui social sono spopolati gli hashtag: #restiamoacasa#andràtuttobene#celafaremo, segnale di speranza nel futuro, di voglia di andare avanti e rialzarsi. Nel caso specifico italiano, ad accompagnare i periodi di confinamento sono stati i canti dal balcone, nati per caso sono poi diventanti un appuntamento fisso durante il quale da Nord a Sud si intonavano canti che portavano con sé un sentimento di patriottismo riscoperto e di speranza. Un modo per riabbracciarsi in un mondo in cui la distanza è l'espressione massima di collaborazione<sup>83</sup>. Si è riscoperto il valore delle semplici piccole cose come guardare la televisione in famiglia o giocare a giochi da tavolo. Il virus è diventato dunque il “detox” di cui avevamo bisogno per risanare corpo e anima <sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup>[https://www.repubblica.it/cronaca/2020/03/13/news/coronavirus\\_italia\\_al\\_balcone\\_canzoni\\_contro\\_la\\_paura-251221289/](https://www.repubblica.it/cronaca/2020/03/13/news/coronavirus_italia_al_balcone_canzoni_contro_la_paura-251221289/).

<sup>84</sup>77-я научная конференция студентов и аспирантов Белорусского государственного университета [Электронный ресурс] : материалы конф. В 3 ч. Ч. 3, Минск, 11–22 мая 2020 г. / Белорус. гос. ун-т ; редкол.: В. Г. Сафонов (гл. ред.) [и др.]. – Минск : БГУ, 2021. – С. 476-479.



Figura 10, cartelloni appesi ai balconi

Questo periodo ha posto le persone davanti a sé stesse, e così come i protagonisti di *Cecità*, si sono scoperte cieche ma non di una cecità fisica, quanto più di una cecità psichica e sociale la quale necessita di un pensiero nuovo per poter essere curata. Da qui l'invito eccezionalmente previsto da Saramago ad aprire gli occhi verso i problemi che stanno distruggendo il mondo<sup>85</sup>.

## 2.2.6 – Lo Spazio

Tanto nel libro quanto nella realtà vediamo il contrapporsi di due spazi, lo spazio *domestico* (le case) e quello *pubblico* (le strade, le piazze, i supermercati, gli ospedali e l'ex manicomio). In un mondo governato dalla pandemia si osserva come gli spostamenti diventano un processo di alienazione delle persone che si muovono da un posto all'altro solo se obbligate o in casi di vera emergenza. Prima della pandemia nessuno avrebbe lasciato che un proprio caro fosse portato via da solo in ambulanza senza la possibilità di seguirlo o avere notizie; ma esattamente come il ragazzino strabico viene strappato alla sua mamma perché diventato cieco prima di lei, centinaia di persone contagiate dal covid saranno allontanate dalle proprie famiglie senza sapere se le avrebbero più riviste<sup>86</sup>.

<sup>85</sup>DANIELA LUCANGELI, *Cecità di José Saramago*, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbgQ>.

<sup>86</sup>MARINICĂ TIBERIU ȘCHIOPU, *Pandemic, Space and Environment in Blindness by José Saramago*,

Confrontando la storia con la realtà si osserva come le scelte dei luoghi, le descrizioni ed il lessico utilizzato dallo scrittore siano perfettamente in linea con quanto è accaduto quai venticinque anni dopo:

1. L'isolamento forzato nel manicomio (un'infrastruttura sanitaria) che ben presto si sovraffolla rivelandosi fallimentare ricorda la situazione degli ospedali durante la *prima fase*<sup>87</sup> dell'emergenza;
2. Le città che in un caso cadono nel degrado più totale mentre nell'altro ritornano a respirare grazie allo stop della circolazione.
3. Le case che sono il costante oggetto del desiderio dei ciechi e il luogo in cui proteggersi ma che allo stesso tempo nascondono le difficoltà di rimanere in casa da soli, ciechi e no, senza aiuti esterni; .

Per quanto riguarda il primo punto dell'elenco, il legame è pressoché evidente, entrambe sono degli istituti sanitari nei quali il malato dovrebbe essere accudito e ricevere cure per poter guarire o quantomeno vivere una vita migliore, tuttavia, la pandemia trasforma questi luoghi in veri e propri incubi.

L'ex-manicomio, che occupa una posizione centrale nel romanzo, diventa scenario di indicibili atrocità e violenze e dove gli internati regrediscono ad uno stato animalesco. È rappresentato come un edificio che «Non solo è circondato da un muro per tutto il suo perimetro, ma anche il vantaggio di essere costituito da due ali»<sup>88</sup> perfetto quindi per ospitare sia i ciechi che i presunti contagiati. L'interno è claustrofobico, le pareti sono prive di finestre e non lasciano alcun spiraglio verso l'esterno; l'unica via d'uscita è la porta principale presidiata dai militari. Gli internati sono lasciati in balia di loro stessi in una struttura priva di mezzi e personale sanitario che possa guidarli e/o aiutarli. Il confinamento assume sin dalle prime righe i caratteri della prigionia<sup>89</sup>.

La definizione di ospedale contenuta nel dizionario Treccani riporta le seguenti parole: Edificio, o complesso di edifici, destinato all'assistenza sanitaria dei cittadini, e quindi adeguatamente attrezzato per il ricovero, il mantenimento e le cure, sia cliniche sia

---

New literariaan international journal of interdisciplinary studies in humanities volume 2, no. 2, july-august, 2021, pp. 01-07 issn: 2582-7375 doi: <https://dx.doi.org/10.48189/nl.2021.v02i2.001> www.newliteraria.com, p. 3.

<sup>87</sup> Con prima fase si intende il periodo marzo-aprile 2020.

<sup>88</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 42.

<sup>89</sup> GILBERTO LOPES TEIXEIRA, *Op. Cit.*, pp. 21-22.

chirurgiche, di ammalati o feriti<sup>90</sup>. Tuttavia, durante l'emergenza abbiamo assistito alla trasformazione di questi ultimi in "trincee" dove i medici in prima linea erano costretti a combattere una guerra contro un nemico invisibile sprovvisti dei mezzi necessari, in particolar modo dei DPI. In poco tempo si è assistito al sovraffollamento degli ospedali, alla congestione delle terapie intensive che non erano in grado di accogliere tutti i contagiati gravi e la divisione dei reparti in: reparti covid e reparti free covid<sup>91</sup>.

Continuando con l'analisi degli spazi pubblici troviamo le città. In *Cecità* la città di cui la moglie del medico si fa testimone e descrittrice è uno spazio caotico pieno di gruppi di ciechi che vagano alla ricerca di cibo e che condividono con gli animali, soprattutto cani, gli stessi spazi sporchi e le stesse strade ricoperte di immondizia e cadaveri. Solo la pioggia è in grado di ripulire il lerciume dalle vie che tuttavia sempre raddoppiare di giorni in giorno. Nonostante il degrado più totale delle città, Saramago non si dimentica della natura che se incontaminata dagli escrementi dell'uomo cresce rigogliosa riprendendosi i suoi spazi e ne è esempio il giardino della vecchia. Un'oasi verde nel mezzo dell'inquinamento della città nella quale la vecchia teneva conigli e galline, faceva crescere alcune verdure e dove le piante potevano crescere liberamente; fino a quando è usato dai protagonisti che «gemendo per lo sforzo, soffrendo per un residuo inutile di vergogna, fecero quel che andava fatto»<sup>92</sup>, e poi usarlo come luogo di sepoltura per la vecchia stessa<sup>93</sup>.

Durante il lockdown le città potevano essere paragonate al giardino della vecchia, senza l'uomo ad usurparla, la madre terra si è ripresa i suoi spazi. Il lockdown mondiale ha generato un abbassamento dell'inquinamento dell'aria senza precedenti, le città hanno ripreso a respirare, si sono ripopolate di animali e le acque sono tornate cristalline<sup>94</sup>.

---

<sup>90</sup>[https://www.treccani.it/enciclopedia/ospedale\\_%28Dizionario-di-Medicina%29/#:~:text=Edificio%2C%20o%20complesso%20di%20edifici,chirurgiche%2C%20di%20ammalati%20o%20feriti](https://www.treccani.it/enciclopedia/ospedale_%28Dizionario-di-Medicina%29/#:~:text=Edificio%2C%20o%20complesso%20di%20edifici,chirurgiche%2C%20di%20ammalati%20o%20feriti).

<sup>91</sup>GABRIELLA D'AGOSTINO, *Cronaca di ordinaria emergenza, Archivio antropologico mediterraneo* [Online], Anno XXIII, n. 22 (1) | 2020, online dal 20 juin 2020, consultato il 03 août 2022. URL: <http://journals.openedition.org/aam/3223>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aam.3223>

<sup>92</sup>JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, p. 215.

<sup>93</sup>MARINICĂ TIBERIU ȘCHIOPU, *Op. Cit.*, p. 5.

<sup>94</sup>77-я научная конференция студентов и аспирантов Белорусского государственного университета [Электронный ресурс] : материалы конф. В 3 ч. Ч. 3, Минск, 11–22 мая 2020 г. / Белорус. гос. ун-т ; редкол.: В. Г. Сафонон (гл. ред.) [и др.]. – Минск : БГУ, 2021. – С. 476-479.





*Figura 11, Gli animali ripopolano le strade deserte*



*Figura 12, Le acque di Venezia tornano a essere cristalline*

La *Cecità* è dunque ancora una volta un avvertimento: c'è la necessità di smettere di inquinare e distruggere la Terra. Saramago lo aveva capito ventisette anni fa e la situazione da allora è solo peggiorata. Viene quindi spontaneo chiedersi se l'immagine della città devastata dagli stessi ciechi e maleodorante, non sia in realtà il prospetto di quello che succederà negli anni avvenire se le cose non cambieranno, se i grandi detentori di potere del mondo non apriranno gli occhi<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> MARINICĂ TIBERIU ȘCHIOPU, *Op. Cit.*, p. 6.

A conclusione di questa riflessione sullo spazio, si parlerà dello spazio *domestico* e in maniera più specifica di ciò che rappresenta la casa nel romanzo e durante il lockdown.

Lo spazio domestico è semanticamente associato al legame familiare; c'è lo diceva già Plinio il Vecchio<sup>96</sup> «Casa è dove si trova il cuore». Non meraviglia dunque che fin dalle prime pagine il primo cieco voglia essere portato a casa e che ritrovare la propria abitazione fosse stato il primo pensiero dei personaggi una volta usciti dal manicomio<sup>97</sup>.

Il cieco implorava, Per favore, qualcuno mi porti a casa [...] Sapeva di essere a casa sua, la riconosceva dall'odore, dall'atmosfera, dal silenzio, distingueva i mobili e gli oggetti al solo toccarli, passandovi sopra le dita. Leggermente, ma era già come se tutto si stesse stemperando in una specie di strana dimensione, senza direzione né riferimenti, se nord né sud, senza basso né alto<sup>98</sup>

Tuttavia, essere ciechi implica perdere la percezione dello spazio e anche un luogo così familiare come la propria casa può diventare pericoloso e insidioso:

Nel muoversi in direzione del soggiorno, e malgrado la prudente lentezza con cui avanzava, facendo scivolare la mano esitante lungo la parete, fece cadere per terra un vaso di fiori che non si aspettava. [...] Poi, barcollando, inciampando, aggirando i mobili, camminando con cautela per non infilare i piedi sotto i tappeti, raggiunse il divano dove lui e la moglie guardavano la televisione<sup>99</sup>

Lo stesso si può dire essere successo durante il lockdown. Si afferma una nuova realtà della casa, si porta l'esterno all'interno e la casa diventa sintesi di più luoghi: palestra, cinema, scuola, ristorante, ufficio. L'abitazione si pone quindi in equilibrio tra l'esilio e nido, prigione e rifugio trasformandosi all'occorrenza nel palcoscenico delle attività social, nella classe dello studente e nell'ufficio dell'impiegato; ma in particolar modo diventa il luogo principe delle relazioni<sup>100</sup>.

In particolar modo, con l'inizio della didattica a distanza e dello smart working le esigenze di diverse generazioni, che in molti casi hanno dovuto condividere gli ambienti abitativi, si sono scontrate dando vita a problematiche legate al numero delle stanze disponibili, dei mezzi e della privacy. Questa situazione unita alla lunga durata

---

<sup>96</sup>Caio Plinio Secondo, conosciuto come Plinio il Vecchio è stato uno scrittore, naturalista, filosofo naturalista, comandante militare e governatore provinciale romano.

<sup>97</sup> MARINICĂ TIBERIU ȘCHIOPU, *Op. Cit.*, p. 3.

<sup>98</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, pp. 13-15.

<sup>99</sup> Ivi, pp. 15-16.

<sup>100</sup> VANNI CODELUPPI, *Come la pandemia ci ha cambiato*, Sfere extra, Carrocci editore, 2020.

dell'isolamento e al costante stato ansiogeno dovuto al timore di contrarre la malattia ha condotto a problemi psicologici nella maggior parte delle persone<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> MORGANTI, A.; BRAMBILLA, A.; AGUGLIA, A.; AMERIO, A.; MILETTO, N.; PARODI, N.; PORCELLI, C.; ODONE, A.; COSTANZA, A.; SIGNORELLI, C.; et al. Effect of Housing Quality on the Mental Health of University Students during the COVID-19 Lockdown. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2022, *19*, 2918. <https://doi.org/10.3390/ijerph19052918>.



## CONCLUSÃO

Este estudo procurou destacar os pontos de contacto entre a realidade e o romance de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, através de uma análise literária realizada tematicamente, que trouxe à luz seis pontos de encontro diferentes: 1. A ausência de nomes e máscaras 2. Isolamento e Bloqueio 3. Indiferença e Xenofobia 4. Morte e Enterro 5. Reconexão 6. Espaço.

O objetivo principal era demonstrar como a literatura, especialmente aquela que saiu da pena de José Saramago, pode investigar a natureza humana tão minuciosamente, tornando-se, assim, um espelho capaz de antecipar os seus movimentos. Como emerge das comparações feitas no segundo capítulo, o romance conseguiu antecipar de quase trinta anos o que aconteceria no caso de uma pandemia.

Com base nesta observação, poder-se-á perguntar se uma leitura consciente do livro teria facilitado a gestão internacional de emergências. Para responder a esta pergunta de uma forma abrangente e relevante, o meu estudo não é certamente suficiente, uma vez que lhe faltam conhecimentos psicológicos e sociológicos profundos. No entanto, acredito que a *Cegueira* pretende ser um aviso do que pode acontecer e não um *How to* ou seja, um guia passo a passo sobre como lidar com uma pandemia global e evitar as suas piores consequências. Investigando a natureza humana nas suas profundezas, Saramago avisa-nos do que nos espera se não decidirmos livrar-nos da cegueira que filtra e nos impede de observar verdadeiramente o que está a acontecer à nossa volta, escondendo atrás de uma catarata/cegueira branca o que não gostamos, impedindo-nos assim de cuidar dos outros e do mundo em que vivemos. "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara"<sup>102</sup>. Todos precisam de se libertar da indiferença que caracteriza a sociedade moderna para a qual a única coisa que conta é a aparência exterior, mostrando ao mundo que estamos felizes, escondendo fraquezas e inseguranças atrás do ecrã de um telemóvel pronto a capturar apenas a melhor parte das nossas vidas.

---

<sup>102</sup> JOSÉ SARAMAGO, *Op. Cit.*, Epígrafe, citando o "Livro dos Conselhos" de El-Rei D. Duarte.

No segundo capítulo, é especificado como Saramago, em 1995, estava a escrever representando o povo português, um povo que tinha acabado de sair da ditadura salazarista e que tinha testemunhado, embora não diretamente, as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, em particular as *lager* e gulags nazis. Tendo em consideração o estilo sombrio e grosseiro, os temas abordados e os detalhes escolhidos, é possível assumir que a trama é uma alegoria do Estado Novo de Salazar caracterizada por ser autoritária e corporativista, estando assim totalmente em desacordo com a visão comum de Saramago sobre o comunismo anarquista, uma corrente de anarquismo que promove a necessidade de criar uma sociedade igualitária sem ordem estatal em conjunto com a abolição total do mercado como meio económico para alcançar um planeamento autogestionário da economia. O final feliz na conclusão do romance pode assim ser visto como a nova esperança do escritor num mundo novo caracterizado pela igualdade, resultante da queda da ditadura.

Após quase trinta anos e uma pandemia global, podemos dizer que o mundo se tornou um lugar melhor e que #tudocorreubem? Pessoalmente, penso que é muito difícil dizer que tudo está bem. Após o isolamento, testemunhando o florescimento das plantas e a solidariedade humana, regressámos às nossas vidas, provavelmente esquecendo aquilo por que passámos. Logo que decretámos o fim da emergência que a sensibilidade climática já tinha voado de mãos dadas com o smog que repovoou as nossas cidades num instante, despedimo-nos em conjunto da solidariedade. A 24 de Fevereiro de 2022, teve início a enésima ofensiva militar das Forças Armadas da Federação Russa, invadindo o território ucraniano e culminando com a escalada da crise russo-ucraniana que teve início em 2014 e levando ao fim da paz na Europa Ocidental. Esta tese não é sobre o conflito acima mencionado, pelo que não vou aprofundar qualquer explicação ou análise sociopolítica, apenas a estou a utilizar como um instrumento para uma vez mais, responder à pergunta inicial de forma negativa. Apesar dos avisos de Saramago, e com ele outros escritores, passámos de uma guerra travada contra um inimigo invisível que nos obrigou a passar os dias em casa deitados no sofá, para uma guerra travada nas ruas com armas de fogo. Na minha opinião, não aprendemos nada com a cegueira.

Os resultados obtidos são fruto de um escrupuloso estudo literário e temático do texto em questão, realizado através de ensaios, teses e publicações em italiano, português e russo, bem como artigos noticiosos encontrados através dos arquivos de jornais locais e internacionais. A decisão de utilizar artigos noticiosos foi tomada com o propósito de analisar a realidade da forma mais objetiva possível e, para tal, foram consultados periódicos de diferentes naturezas.

Este documento não é certamente autocontido uma vez que, como já foi mencionado, falta-lhe uma análise psicológica e sociológica aprofundada. Por esta razão, possíveis desenvolvimentos futuros desta tese podem ter como objeto a interpretação do ponto de vista psicológico do trabalho de Saramago em relação às consequências da Covid-19. Além disso, seria interessante poder realizar um inquérito social com sujeitos de diferentes idades e quem:

1. Só tinha lido o livro antes da pandemia
2. Ter lido o livro durante a pandemia
3. Ter lido o livro após as fases mais cruciais
4. Ter lido o livro antes e durante/depois das fases mais cruciais

A fim de estabilizar quais os tópicos e sentimentos que vêm à tona e estudar em profundidade como a literatura influencia o homem e como o homem influencia a literatura.





## BIBLIOGRAFIA

77-я научная конференция студентов и аспирантов Белорусского государственного университета [Электронный ресурс] : материалы конф. В 3 ч. Ч. 3, Минск, 11–22 мая 2020 г. / Белорус. гос. ун-т ; редкол.: В. Г. Сафонов (гл. ред.) [и др.]. – Минск : БГУ, 2021. – С. 476-479.

CAGOL; Michele, VIOLA; Marco, *La relazione mascherata. Le mascherine chirurgiche e la comunicazione sociale in prospettiva educativa*, JOUR, 2020/11/30, 10.7346/-fei-XVIII-03-20\_02

CALBUCCI; Eduardo, *Saramago, un roteiro para os romances*, Atelie Editorial, 1ª edição (1 janeiro 2000)

CASTIGLUOLO; Jessica, « 'Senza Sepoltura E Senza lacrime': Dalla Negazione Della Morte all' "annegazione" Della Vita ». *DNA – Di Nulla Academia* 1 (2). Bologna:109-20.

CODELUPPI; Vanni, *Come la pandemia ci ha cambiato*, Sfere extra, Carrocci editore, 2020

D'AGOSTINO, Gabriella, *Cronaca di ordinaria emergenza*, *Archivio antropologico mediterraneo* [Online], Anno XXIII, n. 22 (1) | 2020, online dal 20 juin 2020, consultato il 03 août 2022.

HAMADA; Jaidaa, "Unsettling Epiphanies: Rereading José Saramago's *Blindness* in the Time of Covid-19". *Cairo Studies in English*, 2021, 2, 2021, 101-123. doi: 10.21608/cse.2022.46070.1068

HOBBS; Thomas, *Leviatano*, Italia: Rizzoli libri, 201.

LEVI; Primo, *Se questo è un uomo*, Italia: L'Unità / Einaudi. 1992

LOBACCARO, Luigi, *Narrazioni in tempo di pandemia: le storie come "possesso perenne*, *E|C Rivista dell'Associazione Italiana di Studi Semiotici*, XV, n. 32, 2021 • Mimesis Edizioni, Milano-Udine Web: [mimesisjournals.com/ojs/index.php/ec](http://mimesisjournals.com/ojs/index.php/ec) ISSN: 1970-7452, ISBN: 9788857584911 © 2021 – MIM EDIZIONI SRL

MINISSI, Nullo, "JOSÉ SARAMAGO, *Romanzi e racconti 1977-1998 (Book Review)*." *Belfagor*, vol. 55, no. 325, L. S. Olschki, 2000, p. 103–.  
MLA style: Press release. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach AB 2022. Sun. 22 May 2022.

MORGANTI, A.; BRAMBILLA, A.; AGUGLIA, A.; AMERIO, A.; MILETTO, N.; PARODI, N.; PORCELLI, C.; Odone, A.; COSTANZA, A.; SIGNORELLI, C.; et al.

*Effect of Housing Quality on the Mental Health of University Students during the COVID-19 Lockdown.* Int. J. Environ. Res. Public Health 2022, 19, 2918.

New literariaan international journal of interdisciplinary studies in humanities volume 2, no. 2, july- august, 2021, pp. 01-07 issn: 2582-7375

NOGUEIRA; Carlos, *Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago: A Literatura e o Mal 2020*, Romance Quarterly, DOI: 10.1080/08831157.2020.1772661

SARAMAGO; José, *Cecità*, Italia: Feltrinelli Editore, Edizione universale economica, 2013

TEIXEIRA; Gilberto Lopes *A violência é cega: Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago*, Aurora,7: 2010

TIBERIU ŞCHIOPU; Marinică, *Pandemic, Space and Environment in Blindness by José Saramago*,

## SITOGRAFIA

<http://hdl.handle.net/2318/1766406>

<http://journals.openedition.org/aam/3223>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aam.3223>

<https://doi.org/10.3390/ijerph19052918>

<https://doi.org/10.6092/issn.2724-5179/12318>

<https://dx.doi.org/10.48189/nl.2021.v02i2.001> [www.newliteraria.com](http://www.newliteraria.com)

<https://ildizionariodipsicologia.net/cecita-apocalisse-sociale-di-saramago/>

<https://ildizionariodipsicologia.net/cecita-apocalisse-sociale-di-saramago/>

[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/06/100618\\_saramago\\_morre\\_ir](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/06/100618_saramago_morre_ir).

<https://www.ilgiornale.it/news/politica/tsunami-e-muoiono-lucidi-1838892.html>

<https://www.ilsole24ore.com/art/tutti-casa-multe-chi-guida-e-chi-va-piedi-ADoraeC>

<https://www.lastampa.it/cronaca/2020/02/02/news/coronavirus-da-casapound-ai-campi-di-calcio-il-razzismo-e-di-casa-in-italia-1.38415778/>

<https://www.poliziadistato.it/articolo/165eecec054ef5d910253289>

[https://www.repubblica.it/cronaca/2020/02/23/news/coronavirus\\_amuchina\\_mascherine-249358877/](https://www.repubblica.it/cronaca/2020/02/23/news/coronavirus_amuchina_mascherine-249358877/)

[https://www.repubblica.it/cronaca/2020/03/13/news/coronavirus\\_italia\\_al\\_balcone\\_can\\_zoni\\_contro\\_la\\_paura-251221289/](https://www.repubblica.it/cronaca/2020/03/13/news/coronavirus_italia_al_balcone_can_zoni_contro_la_paura-251221289/)

[https://www.treccani.it/enciclopedia/ospedale\\_%28Dizionario-di-Medicina%29/#:~:text=Edificio%2C%20o%20complesso%20di%20edifici,chirurgiche%2C%20di%20ammalati%20o%20feriti](https://www.treccani.it/enciclopedia/ospedale_%28Dizionario-di-Medicina%29/#:~:text=Edificio%2C%20o%20complesso%20di%20edifici,chirurgiche%2C%20di%20ammalati%20o%20feriti).

José Saramago, Autobiografia, sito web fondazione José Saramago  
<https://www.josesaramago.org/biografia/>

LAGIOIA, Nicola, *Cecità di José Saramago*, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020  
<https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbGQ>

LUCANGELI; Daniela, *Cecità di José Saramago*, un progetto di Fondazione De Sanctis in collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020  
<https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbGQ>

PARRELLA; Valeria *Cecità di Josè Saramago*, un progetto di Fondazione De Sanctis in  
collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020  
<https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbGQ>

POLI; Erica, *Cecità di Josè Saramago*, un progetto di Fondazione De Sanctis in  
collaborazione con GSE, webinar 27/05/2020  
<https://www.youtube.com/watch?v=uQC5MzHzbGQ>

[www.pucsp.br/revistaurora](http://www.pucsp.br/revistaurora).